



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

BLEND A BARTELS

(depoimento)

2014

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Blenda Bartels

Entrevistador: Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

Local da entrevista: Minas Tênis Clube – Belo Horizonte - MG

Data da entrevista: 25/08/2014

Processamento da Entrevista: Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

Páginas Digitadas: 10 páginas

Número da entrevista: E-461

Data da autorização para publicação no Repositório: 25/08/2014

Revisão para inserção no Repositório: Isabela Lisboa Berté e Silvana Vilodre Goellner

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares intitulada *Mulheres em Manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em maio de 2015.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p>

SUMÁRIO

Iniciação no esporte; Trajetória esportiva; Geração do vôlei da década de 1980; Apoio da família; Articulação entre carreira e vida pessoal; Percepções em torno do corpo atlético; Rotina de treinamento; Diferenças entre o vôlei masculino e feminino; Influência da geração de 1980 para o vôlei brasileiro; Legado do vôlei na sua vida.

M.T. – Blenda, o que te levou ao voleibol?

B.B. – Os meus pais jogaram vôlei. O meu pai e a minha mãe jogaram vôlei e a brincadeira minha e do meu irmão era jogar vôlei. Então, naturalmente fui começando a jogar vôlei.

M.T. – Você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

B.B. – Não. Na verdade, todo mundo na minha casa jogava vôlei e os meus amigos jogavam vôlei. A gente viajava e todo mundo jogava vôlei. Meus padrinhos jogavam vôlei e iam para o fim de semana jogar vôlei. Tudo era jogar vôlei. Tudo era vôlei.

M.T. – Quando que você começou a jogar e por qual clube?

B.B. – Comecei a jogar no Minas [Minas Tênis Clube] e no meu primeiro campeonato escolar, o meu pai não quis que eu jogasse no Minas. Quis que eu experimentasse outros clubes, mas eu não gostei e comecei a jogar no Minas, com a Yara Ribas. Me encantei e fiquei.

M.T. – Isso em que ano?

B.B. – Em 1972.

M.T. – Com quem você começou a jogar voleibol? O teu treinador?

B.B. – Foi a Yara Ribas. Até hoje eu a chamo de professora.

M.T. – Como era ser jogadora de voleibol na década de 1980?

B.B. – Que nem eu te falei. Tudo girava em torno do voleibol, era uma coisa tranquila. Não tinha problema. Para mim não tinha problema porque como meus pais jogavam vôlei e todo mundo era do vôlei era tranquilo.

M.T. – Descreva a sua trajetória esportiva desde o começo até o momento de parar.

B.B. – Acho que as coisas foram assim bem naturais para mim, pelo fato de ter sido atleta do Minas, que tinha toda uma estrutura e por meu pai ser do esporte sempre apoiando. Eu desde cedo fui convocada para a seleção brasileira, então as coisas foram naturalmente acontecendo.

M.T. – Quando você precisou sair de Minas Gerais, continuou da mesma forma?

B.B. – Não. Bagunçou a vida, porque eu parei de estudar. Ficar longe da família foi um pouco complicado e também fui desistindo de jogar vôlei.

M.T. – Por quais clubes você jogou?

B.B. – Joguei no Supergasbrás e na Lufkin, além do Minas.

M.T. – Quais pessoas foram importantes ao longo da sua trajetória para a consolidação da sua carreira?

B.B. – Bom eu acho que acima de tudo a família e todos os técnicos que tive. Apesar de cada um querer me colocar em uma posição diferente, todos foram importantes.

M.T. – Você pode falar o nome deles?

B.B. – Todos eles?

M.T. – Dos mais emblemáticos.

B.B. – Posso. A minha professora Yara que acho que foi o pontapé inicial e que possuo muito contato com ela até hoje. Seu Adolfo, que foi até técnico do meu pai e da minha mãe. O Enio Figueiredo, o Josenildo [Josenildo Carvalho], João Crisóstomo. Acho que todos foram importantes.

M.T. – Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

B.B. – Acho que a família é essencial. Porque você vai e volta e a família está lá, te esperando. Tem o fato dos meus pais terem sido atletas. Eles te entendiam e te apoiavam.

M.T. – No voleibol, quais os principais fatos ocorridos na década de 1980 que você considera importante?

B.B. – Acho que o “mundialito”, tanto masculino como feminino foram marcantes. Acho que o vôlei até então era mais um negócio de família, porque a gente ia jogar e os nossos amigos iam até o ginásio assistir a gente jogar. De repente, o “mundialito”, a Globo transmitiu e nós voltando e todo mundo sabia o que estava acontecendo.

M.T. – Você acha que isso aconteceu por conta do “mundialito” ter acontecido?

B.B. – Antes desse “mundialito” teve a vitória do Sulamericano, em Santo André e teve também o jogo masculino no Maracanãzinho, debaixo de chuva, que foi muito legal. Isso também foi o “boom” para o voleibol ser reconhecido.

M.T. – Dentre todos esses acontecimentos que você destacou qual foi o mais importante na tua opinião?

B.B. – Para o voleibol feminino acho que foi o “Mundialito”.

M.T. – Qual episódio marcou a tua carreira na década de 1980?

B.B. – Nossa, é tanta coisa que marca.

M.T. – O que vem a sua cabeça?

B.B. – É o que eu acabei de comentar com você [risos]. Eu sempre fui uma pessoa de gênio difícil.

M.T. – Pode dizer.

B.B. – Eu acho que assim... Eu custei para crescer porque eu era baixinha e depois cresci. Por ter uma técnica mais apurada, cada técnico achava que eu deveria jogar em uma posição. Então, foi uma coisa assim complicada, porque cada hora tinha que jogar em uma posição e cada técnico me via de uma maneira diferente. Foi um negócio complicado de viver com isso porque você nunca treinava 100% o fundamento.

M.T. – E isso, de alguma forma, atrapalhou o seu desenvolvimento?

B.B. – Com certeza.

M.T. – Quais as principais dificuldades que você enfrentou no esporte na década de 1980?

B.B. – Acho que a profissionalização do esporte foi muito boa. Então, a minha geração que foi essa transição... Acho que para o esporte, para o vôlei em geral foi bom. Agora para mim foi um negócio difícil de assimilar, porque acho que gostava mais de jogar por amor a camisa.

M.T. – Quando aconteceu para você essa profissionalização? Qual foi o ano e o momento exato?

B.B. – Para mim foi quando eu sai do Minas.

M.T. – Quando isso aconteceu?

B.B. – Foi em 1984 quando eu fui para a Supergasbrás.

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo para a tua vida, Blenda?

B.B. – Acho que no geral foi uma experiência de vida. Eu sou assim altamente competitiva, tanto que eu não entro em nada mais ou menos. Entro em tudo para ganhar e sempre dou o melhor de mim. Acho que o esporte me fez ser assim, o vôlei no caso.

M.T. – O que significava pra você ser jogadora da seleção brasileira?

B.B. – É uma coisa que na minha vida foi tão natural que acho que era consequência de fazer o melhor que podia fazer. Porque eu fiz parte da categoria infantil, juvenil e adulta. Então, acho que isso foi uma consequência; eu não me senti melhor ou diferente de todo mundo.

M.T. – Na seleção brasileira o que você almejava? Tinha algum título ou alguma conquista que você queria muito alcançar?

B.B. – Título não porque eu estava até lembrando vendo a China jogar esse fim de semana. A primeira vez que nós vimos a China jogando no voleibol universitário, não tinha essa facilidade de internet e televisão. Então, a primeira vez que a gente viu elas jogando, a gente parou no meio da quadra vendo elas jogarem, pois a gente nunca tinha visto um time tão rápido fazendo tantas jogadas. Era jogar de igual para igual contra as melhores equipes porque a gente não tinha esse intercâmbio igual tem hoje e a gente também não vivia só pra jogar vôlei. Então, era bem diferente.

M.T. – O que representou para você participar de um mundial?

B.B. – Representar o Brasil é muito legal. Ir lá fora cantar o hino é muito legal.

M.T. – Como foi para você conciliar as demandas do voleibol com a tua vida pessoal?

B.B. – Olha, chegou um momento em que você larga tudo, abre mão de tudo pra jogar o vôlei. Eu estudava, trabalhava e abri mão de tudo para jogar o vôlei. Larguei tudo para poder jogar vôlei.

M.T. – Isso foi bom ou ruim? Difícil ou tranquilo?

B.B. – A eu acho que a gente cansa. Chega uma hora que cansa. Mas foi bom enquanto durou.

M.T. – Como você percebia o olhar do outro sobre o teu corpo atlético. Porque vocês tinham um corpo diferente, pois vocês trabalhavam a musculatura e como vocês percebiam o olhar das pessoas para essa mulher atleta?

B.B. – Você me pegou.

M.T. – Queria que você desse sua opinião. Era tranquilo? Você percebia alguma diferença?

B.B. – Acho que naquela época até mesmo na época da minha mãe, a mulher não fazia tanto esporte igual se faz atualmente. Atualmente, a mulher está mais no esporte igualmente ao homem. Era uma coisa mais recatada. Hoje tem muita mulher e ela está inserida em todas as modalidades. Na minha época a mulher não jogava futebol, as pessoas achavam inclusive que mulher jogando futebol era um horror. Então, a gente era vista diferente. Como eu vivia dentro do clube a gente era bem admirada mesmo.

M.T. – Como era a rotina de treinamento da seleção em termos de lesão, sacrifícios, superação, disciplina em relação aos treinos?

B.B. – A última seleção que eu fui, a gente treinava oito horas por dia. Então, o tempo que a gente tinha era pra descansar, fazer as refeições e recuperar. Era muito puxado [ênfase]. Atualmente eu sinto dor no pé, dor no joelho, mas meu pulmão funciona bem e meu coração também [risos]. As articulações...

M.T. – Na tua opinião havia diferenças entre o voleibol feminino e o masculino na década de 1980?

B.B. – Eu acho que sim. Sim.

M.T. – Quais eram essas diferenças? Quais diferenças você destacaria entre uma categoria e outra?

B.B. – Acho que o masculino sempre teve mais time, mais equipes, mais praticantes do que o feminino; e tendo mais quantidade tinha mais qualidade. Então, tem mais gente praticando. Mas em termos de tratamento, acho que não, pois a gente era tratada igual.

M.T. – O que representou o voleibol feminino na década de 1980, na tua opinião em nível nacional e internacional?

B.B. – Eu acho que do mesmo jeito que as meninas foram ontem, acabaram de ser deca-campeão [do Grand Prix, realizado em agosto de 2014] porque tudo foi um trabalho de base.

Acredito que teve a geração anterior que a gente conhece o pessoal: Marta Miraglia, Leonésia, Yara. Todo mundo deu a sua contribuição e isso é um trabalho que a longuíssimo prazo vem sendo feito. Acho que em 1980 foi o “boom” de o voleibol nacional ser reconhecido pelo público em geral, porque antes era só futebol, futebol, futebol.

M.T. – Então você acredita que aqueles acontecimentos como o mundialito, as competições colaboraram?

B.B. – Sim. E a televisão não é?

M.T. – Você acredita que essa foi a grande virada?

B.B. – Sim.

M.T. – O que a geração dos anos 1980 na tua opinião deixou para geração seguinte?

B.B. – Acho que deixou um legado de disciplina, de luta, de coração e de correr atrás do sonho.

M.T. – Blenda, quando você parou de jogar? Qual clube você estava? Por que você parou?

B.B. – Quando eu parei de jogar eu estava na Lufkin e de verdade eu cansei de jogar [risos]. Eu queria voltar para casa. Queria voltar para a minha raiz.

M.T. – Você estava com quantos anos?

B.B. – Eu estava com vinte e quatro.

M.T. – Como foi a decisão de parar de jogar?

B.B. – Tranquila, porque com quinze anos eu já jogava no adulto, então com vinte e quatro achei que já estava bom demais. Eu já estava cansada, o meu joelho já estava doendo. Eu queria ter filhos. “Chega de jogar vôlei”.

M.T. – Como foi a transição a partir do momento que você decidiu parar de jogar?

B.B. – Quando eu parei de jogar eu resolvi ter filho.

M.T. – Então, uma coisa foi consequência da outra?

B.B. – Sim, eu queria ter filhos.

M.T. – Mesmo depois, com o exemplo da Isabel, você não pensava em voltar?

B.B. – Tive mais filhos, quis ter mais filho e então resolvi estudar. Fui fazer faculdade e voltar para o vôlei não era mais opção. Treinar não era mais opção.

M.T. – Voltar não era uma opção?

B.B. – Não. Treinar não era uma opção.

M.T. – Você sente saudade da época em que você jogava?

B.B. – Sim... Mas treinar é muito desgastante. Acho que jogar é legal, mas esse negócio de treinar era muito puxado, pois treinar oito horas por dia era muito complicado. É muito desgastante para o corpo.

M.T. – O que mudou na sua vida depois que você parou de jogar?

B.B. – Assim, você sai dos holofotes e sai da mídia. Você passa a ser normal e eu fui criar filho porque queria ter filho.

M.T. – Isso para você foi tranquilo? Sair da mídia e dos holofotes naquele momento em que vocês conquistaram tudo, para você foi tranquilo?

B.B. – Foi. Acho que é uma opção de vida. Acho que foi a idade. Apesar de quê, eu fico vendo hoje que com vinte e quatro [anos], muita gente está começando. Mas tudo isso assim... porque, eu também comecei muito nova.

M.T. – Em qual momento da sua vida você foi mais feliz quando você jogava ou quando você parou de jogar?

B.B. – São momentos diferentes. Não tem como... Quando eu jogava eu era nova e você vai na onda de tudo, é outra cabeça. Se eu tivesse essa cabeça agora jogando vôlei.

M.T. – Mas em qual momento você foi mais feliz? Mesmo sendo nova, tudo bem. Mas qual momento você foi mais feliz você podendo ver esses dois momentos?

B.B. – Acho que não existe isso de momento mais feliz, acho que são momentos completamente diferentes.

M.T. – Os dois são felizes?

B.B. – Os dois são felizes.

M.T. – Você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois que você parou de jogar?

B.B. – Não.

M.T. – Qual a sua ocupação hoje em dia?

B.B. – Sou coordenadora de escolinhas, no Minas Náutico.

M.T. – Escolinha de vôlei?

B.B. – Não. Escolinhas de todos os esportes e não só esportes, porque eu tomo conta da academia e do Pilates.

M.T. – Blenda, o que o voleibol significa para você?

B.B. – Acho que é uma parte da minha história e da minha vida. Acho que o voleibol me ensinou a crescer, as conquistas me ajudaram a ter uma personalidade forte, a lutar pelo que eu quero e me ajudou na minha personalidade, na vida, foi importante.

M.T. – Qual o principal legado que o voleibol deixou para a sua vida?

B.B. – Acho que é isso. A minha personalidade, o meu temperamento, a construção da minha educação.

M.T. – Bom, você gostaria de deixar algum comentário ou depoimento sobre os temas que a gente abordou nessa entrevista?

B.B. – Não. Acho que no esporte em geral, agente deve levar a criança para o esporte. A gente tem que levar a criança ao esporte. Tirar a criança da rua e colocar para fazer esporte. A minha filha jogou vôlei também e eu acho que é o melhor que a gente pode fazer pela nossa juventude, pelas nossas crianças é colocar no esporte.

M.T. – Você colocaria o esporte na escola?

B.B. – Com certeza [ênfase]. Eu acho que é o modo mais fácil e mais barato de dar educação para as crianças. Com certeza que eu colocaria qualquer esporte.

M.T. – Ok, Blenda, muito obrigado pela entrevista!

[FINAL DA ENTREVISTA]